

PARTICIPAÇÃO MASCULINA E FEMININA EM ATIVIDADES CIENTÍFICO-ACADÊMICAS DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO COMPORTAMENTO (ABPMC)

Gabriel Vitor Gonçalves de Souza (PIBIC/AF/IS/FA/UEM), Carolina Laurenti (Orientadora), Laryssa Rodrigues Gomes (Coorientadora), e-mail: bielgovsouza@gmail.com.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Psicologia/ História, teorias e sistemas em psicologia

Palavras-chave: Comportamentalismo Radical; Sexualidade; Gênero; ABPMC.

RESUMO

A Análise do Comportamento compreende a sexualidade e a diversidade de gênero como comportamentos multideterminados. Estudos na área têm demonstrado como tais temáticas vêm sendo apresentadas nas produções científicas; entretanto, ainda não havia sido realizada uma análise específica sobre esses temas em apresentações de eventos científicos. Assim, este estudo apresentou um panorama da produção científica relacionada à sexualidade e diversidade de gênero nos anais da Associação Brasileira de Ciências do Comportamento (ABPMC) entre 2000 e 2022. Por meio de uma pesquisa documental de natureza quantitativa e qualitativa, foram analisados 1.463 trabalhos selecionados a partir de palavras-chave relacionadas ao tema. Os dados foram categorizados em cinco eixos principais: sexo como variável independente; gênero e sexualidade; saúde sexual; violência sexual; e educação sexual. Os resultados indicam predomínio da autoria feminina e maior concentração em modalidades de apresentação socialmente menos prestigiadas. Verificou-se que, apesar do aumento do interesse pela temática, persistem abordagens que reproduzem vieses de gênero e culturais, além de discursos normativos contrários aos direitos LGBTQIAPN+. As categorias “gênero e sexualidade” e “violência sexual” evidenciam crescimento em investigações clínicas e sociais, ainda que permeadas por estereótipos e visões binárias. A categoria “educação sexual” destaca-se pela defesa de práticas preventivas e inclusivas. O estudo evidencia contradições na produção analítico-comportamental nacional, indicando a necessidade de ampliar o debate sobre sexualidade e gênero.

INTRODUÇÃO

A sexualidade humana costuma ser explicada por duas perspectivas: a biológica, que a compreende como fenômeno estritamente fisiológico, e a social, que a concebe como construção cultural, atribuindo pouca ênfase aos aspectos orgânicos. Ambas, embora distintas, incorrem em reducionismos: ora de natureza biológica, ora de natureza social (Mizael, 2018). Esse tipo de simplificação tem favorecido explicações culpabilizantes e preconceituosas em pesquisas com sujeitos de orientações sexuais e identidades de gênero dissidentes (Cravo; Almeida-Verdu; Costa-Junior, 2022). Em contraste, alguns autores defendem uma terceira

perspectiva, que integra fatores biológicos e sociais na compreensão da sexualidade humana, conforme proposto pela filosofia do comportamentalismo radical de B. F. Skinner, base teórica da Análise do Comportamento. Para Skinner (2007), o comportamento, incluindo a sexualidade, pode ser explicado pelo modelo de seleção por consequências em três níveis: filogenético (e.g., história da espécie), ontogenético (e.g., história do indivíduo) e cultural (e.g., história da cultura). Pesquisas na área têm se dedicado ao estudo da sexualidade, abrangendo trabalhos conceituais e revisões bibliográficas (Cravo; Almeida-Verdu; Costa-Junior, 2022; Mizael, 2018), que buscam descrever e discutir a sexualidade e a diversidade de gênero na Análise do Comportamento. No entanto, esses estudos não englobam eventos brasileiros da área, como o Encontro da Associação Brasileira de Ciências do Comportamento (ABPMC), autodeclarado o maior congresso analítico-comportamental do país atualmente. Em função disso, o objetivo deste estudo é expor um panorama dos trabalhos que apresentaram a temática de sexualidade e da diversidade de gênero apresentados nos encontros da ABPMC no período de 2000-2022.

MATERIAIS E MÉTODOS

Foi realizada uma pesquisa documental de natureza quantitativa e qualitativa, utilizando como fontes primárias os anais da ABPMC do período de 2000 a 2022. Os dados foram organizados em planilhas do *Microsoft Excel*, com abas correspondentes a cada ano, estruturadas da seguinte forma: título do trabalho; nome dos(as) autores(as); e modalidade de apresentação. Em seguida, procedeu-se à busca por palavras-chave e radicais relacionados à temática da sexualidade e do gênero (e.g., sex*, lesb*, gay, trans*). A análise dos dados foi orientada pelas seguintes questões: “Quanto?”: quantidade de trabalhos apresentados; “Quem?”: gênero dos(as) autores(as); “Qual o prestígio?”: modalidade de apresentação; e “Como?”: descrição dos estudos, os quais foram categorizados em cinco eixos, a saber, sexo como variável independente; gênero e sexualidade; saúde sexual; violência sexual; e educação sexual.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação à pergunta “Quanto?”, entre 2000 e 2022, a ABPMC apresentou 11.780 trabalhos, dos quais 1.463 (12,42%) abordaram sexualidade e diversidade de gênero, sendo “sex*” o radical mais frequente nas buscas. Em relação à pergunta “Quem?”, a primeira autoria foi predominantemente feminina, com 1.139 (77,84%) autoras, 323 (22,01%) autores do gênero masculino e 2 (0,14%) de gênero não identificado. Em relação à pergunta “Qual o prestígio?”, 55 trabalhos (4,06%) foram apresentados em modalidades de maior valorização social, que exigiam convite, como palestras, cursos, primeiros passos. Outros 207 trabalhos (12,95%) estiveram em categorias intermediárias, como mesas-redondas e simpósios, e 1.067 (66,83%) em modalidades de menor prestígio, sem necessidade de convite, como comunicação oral e painel. Em 134 trabalhos (8,44%), a modalidade da apresentação não foi identificada. Os dados mostram que a sexualidade e diversidade de gênero é pouco explorada, recebe menor prestígio e é

predominantemente apresentada por mulheres, confirmando estudos que relacionam o gênero com categoria de prestígio (Laurenti, 2019).

A categoria mais frequente em resposta à pergunta “Como?” foi “Sexo como uma variável independente”, abrangendo 973 trabalhos (60,95%), que registraram o sexo em estudos com animais não humanos e o gênero dos participantes em pesquisas com humanos. Nos estudos com humanos, observou-se que homens foram mais pesquisados em agressividade (e.g., interpessoal), enquanto mulheres predominaram em pesquisas sobre transtornos alimentares, incluindo a relação entre práticas maternas e dificuldades alimentares infantis, sem considerar o contexto social. Já nos estudos com animais não humanos, machos e fêmeas foram incluídos proporcionalmente.

A segunda categoria mais frequente foi “Gênero e sexualidade”, abrangendo estudos que se centraram em descrever as atividades sexuais dos participantes em diferentes faixas etárias e orientações sexuais, sendo 299 trabalhos (18,77%). Nos estudos de casos clínicos, os sujeitos eram de diferentes orientações sexuais e expressões de gênero, sem atribuições patologizantes ou culpabilizantes. Também foram identificadas pesquisas sobre flerte que reforçaram estereótipos de gênero, atribuindo passividade às mulheres e atividade aos homens, reproduzindo práticas epistêmicas machistas na Análise do Comportamento. Em estudos com idosos, a sexualidade foi destacada como promotora de saúde e bem-estar. Já em pesquisas com crianças, foram descritos comportamentos como masturbação e nudismo sem viés patologizante, embora algumas abordagens tenham mantido perspectivas binárias de gênero, associando brinquedos a papéis tradicionais e reforçando estereótipos.

A terceira categoria, “Saúde sexual”, reuniu 139 trabalhos (8,70%) sobre queixas sexuais e métodos contraceptivos. Os temas mais recorrentes foram disfunções sexuais em homens (e.g., disfunção erétil) e mulheres (e.g., anorgasmia), geralmente com pouca discussão de gênero. Também apareceram estudos sobre ISTs entre diferentes orientações sexuais, um deles com viés normativo ao promoverem a monogamia como forma de prevenção (Starling, 2002). Além disso, parte das pesquisas utilizou a terminologia “Distúrbio de Diferenciação Sexual” para pessoas intersexo e atribuiu ao psicólogo o papel de treinador de habilidades sociais conforme papéis sociais vigentes. Em síntese, essa categoria abrigou perspectivas que violam direitos da população LGBTQIAPN+.

A quarta categoria, “Violência sexual”, reuniu 135 trabalhos (8,44%) sobre casos de abuso, nos quais as vítimas eram majoritariamente do gênero feminino, incluindo crianças, e os agressores, em sua maioria, homens, frequentemente familiares. Os estudos destacaram consequências como baixa autoestima, disforia de imagem corporal e culpa, sem responsabilizar as vítimas. Também foi discutido questões de gênero em contextos como família e escola, revelando, ainda que de modo limitado, o interesse da área em investigar violências de gênero. A categoria “Educação sexual” reuniu 50 trabalhos (3,13%) voltados as estratégias de ensino sobre a sexualidade humana. Esses estudos destacaram a importância da educação sexual em espaços como família e escola, visando prevenir abusos, promover autoconhecimento, alinhando-se a pesquisas anteriores (Cravo; Almeida-Verdu; Costa-Junior, 2022).

CONCLUSÕES

Em síntese, os resultados explicitam um cenário multifacetado em diferentes temáticas: “Sexo como variável independente”, predominando estudos experimentais que reproduziram vieses de gênero, corroborando com a literatura da área gênero e sexualidade; “Gênero e sexualidade” e “Violência sexual” demonstram um interesse crescente em questões clínicas e sociais, embora ainda permeadas por visões binárias e estereotipadas; “Saúde sexual” expõe limitações no debate sobre diversidade e inclusão, destacando-se a presença de discursos normativos que contrariam avanços nos direitos LGBTQIAPN+; “Educação sexual” reiterando a importância de discussões sobre sexualidade. Essas produções revelam contradições, pois, em alguns casos, reforçam vieses discriminatórios, enquanto em outros favorecem minorias sociais, como mulheres e pessoas LGBTQIAPN+. A pesquisa apresentou limitações devido à ausência de alguns anais da ABPMC e de categorias de prestígio em determinados anos. Entretanto, ainda assim, evidencia como a Análise do Comportamento reproduz as contradições sociais vigentes, ao mesmo tempo em que contribui para a promoção de diálogos com pesquisas anteriores e abre novas possibilidades de aprofundamento científico e social sobre a temática.

AGRADECIMENTOS

À fundação Araucária pelo financiamento concedido a esta pesquisa por meio do programa PIBIC/AF/IS/FA, à Universidade Estadual de Maringá e às minhas orientadoras.

REFERÊNCIAS

CRAVO, F. A. M.; ALMEIDA-VERDU, A. C. M.; COSTA-JUNIOR, F. M. Revisão de literatura da produção analítico-comportamental nacional sobre gênero e sexualidade. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, v. 13, n. 2, p. 247-265, 2022.

LAURENTI, C. et al. Participação das mulheres em atividades acadêmico científicas de Análise do Comportamento no Brasil. **Acta Comportamentalia: Revista Latina de Análisis del Comportamiento**, v. 27, n. 2, 2019.

MIZAEL, T. M. Perspectivas analítico-comportamentais sobre a homossexualidade: análise da produção científica. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, v. 9, n. 1, p. 15-28, 2018.

SKINNER, B. F. Seleção por consequências. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 129-137, 2007.

STARLING, R. R. Sexo e rock and roll em tempos de cólera: HIV indicações para um manejo psicológico eficaz na redução do risco de infecções. *In*: **ABPMC**, XI, 2002, Londrina, Resumo Anais, p. 14-341.